

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

**A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO DISCURSO OPOSTO A
CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ¹
THE NATURALIZATION OF VIOLENCE AS A DISCOURSE OPPOSED TO
THE CONSTRUCTION OF A CULTURE OF PEACE**

Heloisa Leticia Schmidt², Veronice Mastella³

¹ Projeto vinculado ao PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UNICRUZ

² Estudante de Graduação do 8º semestre de Jornalismo da Unicruz, bolsista PIBIC-UNICRUZ. E-mail: helo.le@hotmail.com

³ Orientadora do projeto, Doutora em Letras e Estudos Linguísticos (UFSM), Mestre em Comunicação Social (UMESP), docente do Curso de Jornalismo da Unicruz. E-mail: vmastella@unicruz.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica que tem como objetivo central analisar quais representações de violência estão presentes nos discursos dos universitários da Unicruz tendo como aparato teórico-metodológico a Análise Crítica do Discurso (ACD). Ao aprofundarmos conhecimentos sobre a linguagem como realizadora dos discursos (representações), buscamos através das análises compreender como as representações de violência construídas por meio da linguagem podem contribuir para manter ou modificar ideologias, concepções e/ou paradigmas na sociedade contemporânea.

Pela abordagem da Análise Crítica do Discurso (ACD), em especial os postulados de Fairclough (2001; 2003) o discurso é considerado como forma de prática social, modo de ação sobre o mundo e as relações sociais. Fairclough (2003, p. 124) consideram discurso como “modos de representar aspectos do mundo” e em suas particularidades podem ser representados de diferentes maneiras. Diferentes discursos são diferentes perspectivas sobre o mundo e estão associados com as diferentes relações que as pessoas mantêm com o mundo, o que, por sua vez, depende de suas posições no mundo, suas identidades sociais e pessoais e as relações sociais que elas mantêm com as outras pessoas. Discursos não só representam o mundo como ele é (ou melhor, como é visto), eles também são projetivos, imaginários, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real e amarrado em projetos para mudar o mundo em direções particulares. As relações entre os diferentes discursos são um elemento das relações entre pessoas diferentes - eles podem se complementar, competir um com o outro, dominar os outros e assim por diante. Discursos constituem parte dos recursos que as pessoas implementam ao se relacionarem com as outras - mantendo-as separadas umas das outras, colaborando, competindo, dominando - e ao tentarem mudar os modos pelos quais se relacionam uma com as outras. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124, apud MASTELLA, 2015, p.70-71)

Representar significa “construir textualmente o mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003, p.8) possibilitada através da linguagem de forma que nos instiga a construir representações de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

“aspectos do mundo físico (seus processos, objetos, relações, parâmetros espaciais e temporais), aspectos do ‘mundo mental’ de pensamentos, sentimentos, sensações (...) e os aspectos do mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003 apud MASTELLA, 2015, p. 24). O autor observa que o mundo social também pode ser representado de “uma forma mais generalizada e abstrata em termos de estruturas, relações, tendências e assim por diante” (ibidem).

As representações estão no âmbito das ideias e são construídas nas interações sociais (sejam elas face a face ou mediadas) quando “o sistema de uma língua é ‘instanciado’ sob a forma de texto” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.26). Dessa forma, entendemos que um sistema linguístico funciona como um “potencial de significados” à disposição dos falantes ou escreventes para “dar sentido a nossa experiência e para realizar nossas interações com outras pessoas” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.24) e que fazem uso da língua para estabelecer relações, representar o mundo e, com isso, satisfazer determinadas necessidades em contextos sociais específicos.

Os fundamentos que estudam o discurso como dimensão semiótica de uma situação de interação na ACD e pela Gramática Sistemico Funcional são concebidos a partir de Halliday (1994) e Halliday & Matthiessen (2004) através da Linguística Sistemico Funcional, onde as estruturas da linguagem verbal, oral ou escrita, que contribuem para o significado de um texto podem ser identificadas. Nessa perspectiva (LSF), a linguagem é “uma entidade viva presente em situações, grupos, locais e eventos variados e, como tal, sofre a influência destes e de outros fatores” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 5).

Mastella (2015) observa que, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 168-248), há três tipos principais de processos pelos quais o indivíduo representa suas experiências: materiais (fazer), mentais (sentir) e relacionais (ser). Os processos materiais são da ordem do “fazer”, relacionados às ações do mundo físico e responsáveis pela criação de uma sequência de ações concretas, sejam elas criativas ou de transformação. Os processos mentais são os processos do “sentir” relacionados ao nosso mundo interior, ou seja, referem-se às ações que ocorrem no fluxo de nossos pensamentos (consciência) ou em sua representação. Nos processos relacionais de “ser”, “ter” e “pertencer” as orações relacionais são usadas “para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades. Ajudam na descrição de personagens e cenários em textos narrativos; contribuem na definição de coisas, estruturando conceitos”.

Ao estudarmos os discursos/representações sobre a violência, adotamos a concepção de proposta por Minayo (2007) que a entende a violência como um fenômeno complexo e multicausal que pode atingir todas as pessoas, afetando fisicamente e/ou emocionalmente e que requer ações contínuas para que seja evitada, minimizada ou rechaçada. Este fenômeno pode se manifestar de diferentes formas e de uma perspectiva mais ampla pode ser definido como:

(...) uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002, p. 5).

No estudo “Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva”, Minayo (2007, p.31-38) diferencia as formas de violência que ocorrem na vida em sociedade e a partir desta diferenciação através de 10 categorias: Violência criminal, violência estrutural, violência institucional, violência interpessoal, violência intrafamiliar, violência auto

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

infringida, violência cultural, violência de gênero, violência racial, e violência contra a pessoa deficiente.

METODOLOGIA

Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa (CRESWELL, 2010) e combinada procedimentos quali-quantitativos. Segundo o autor, a pesquisa qualitativa é adequada para “explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p.26) e pode reunir métodos emergentes como (1) perguntas abertas, (2) dados de entrevistas, de observação, (...); (3) análise de texto e imagem e (4) interpretação de temas e padrões (idem, p.40).

Como meios técnicos desta investigação, este estudo segue os preceitos da Análise Crítica do Discurso (ACD) partindo do modelo tridimensional proposto por Fairclough (2003; [2001] 2008). Utilizamos também os pressupostos da Linguística Sistêmico Funcional de Halliday (1994), que combinados com o modelo tridimensional de Fairclough (2008), três dimensões categóricas são analisadas: texto, prática discursiva e prática social.

A dimensão do ‘texto’ cuida da análise linguística de textos. A dimensão da prática discursiva, como ‘interação’, na concepção ‘texto e interação’ de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual - por exemplo, que tipos de discurso (incluindo ‘discursos’ no sentido mais societário) são derivados e como se combinam. A dimensão da prática social cuida das questões de interesse na análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/construtivos(...) (FAIRCLOUGH, 2008, p. 22).

Com base em tais pressupostos, a pesquisa tem como universo de análise estudantes de primeiro e segundo semestres dos cursos de Administração, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Ciências Contábeis, Ciências da Computação, Direito, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Estética e Cosmética, Farmácia, Fisioterapia, Jornalismo e Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta. Os critérios para a seleção do corpus de análise desta pesquisa foram os textos (discursos) destes alunos ingressantes nos cursos de graduação, com o propósito de identificar que representações de violência estão mais presentes no convívio social dos pesquisados ao ingressar no meio universitário. Foram selecionados 202 alunos ingressantes que tiveram suas identidades preservadas. Na análise foi mencionada apenas a idade, o sexo e o curso que frequentam.

Como instrumento de coleta de dados utilizamos uma questão aberta e um questionário com 29 questões fechadas que abordam a temática “violência”. O instrumento foi aplicado em duas etapas e separadamente com a intenção de que as situações apresentadas na segunda etapa da pesquisa não direcionassem ou influenciassem a(s) resposta(s) da primeira etapa. Na primeira etapa (de natureza discursiva) consta a seguinte questão: “A palavra VIOLÊNCIA lhe remete a que situações ou imagens?”. Na segunda etapa (que foi entregue aos pesquisados somente após a finalização da primeira) foram apresentadas 29 situações de violência das mais diferentes tipologias. As respostas das questões fechadas forneceram dados quantitativos sobre as tipologias mais recorrentes ou mais naturalizadas descritas pelo universo de análise. As respostas das questões abertas forneceram dados para a análise discursiva propriamente dita e todas estas questões

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

foram baseadas nas tipologias de violência descritas por Minayo (2007).

Na análise dos textos (ainda em andamento) buscamos analisar os discursos tendo as seguintes questões norteadoras: (1) que tipologias de violência são mais recorrentes e mais reconhecidas como um ato e/ou situação de violência? (2) que processos (materiais, mentais, comportamentais, verbais, relacionais ou existenciais) são mais recorrentes na representação da violência? (3) que representações de violência estão mais naturalizadas nos discursos dos estudantes? Nesta análise é considerado também o contexto social brasileiro, qual seja, de uma sociedade ainda marcada pela violência, em especial, aspectos como: (1) os elevados índices de criminalidade no Brasil, (2) a falta de oportunidades de trabalho para todos, (3) as carências graves no sistema educacional, (4) e os sistemas judiciário e carcerário ineficientes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados preliminares obtidos através da análise da questão aberta dos questionários demonstram que num universo de análise de 202 pesquisados, 105 deles citaram agressão física, verbal ou psicológica, brigas e discussões como representação de violência ou a primeira situação que lhes vinha à cabeça, isso caracteriza que a Violência Criminal é a mais recorrente nos discursos dos acadêmicos, significando 51,98% do total da amostra. De acordo com Minayo, (2007, p.34) “a violência é, principalmente, uma forma de relação e de comunicação. Quando essa interação ocorre com prepotência, intimidação, discriminação, raiva, vingança e inveja, costuma produzir danos morais, psicológicos e físicos, inclusive morte”.

Analisando as respostas das questões objetivas, apenas vinte e um (21) pesquisados reconheceram todas as situações apresentadas no instrumento de pesquisa como tipologias de violência, o que representa apenas 10,40% da amostra populacional analisada nesta pesquisa.

Num universo de análise de 202 pesquisados, 163 destes não consideram que “armazenar de forma inadequada produtos de limpeza e/ou medicamentos” seja uma forma de violência, o que caracteriza 80,70% do corpus de análise desta pesquisa. Nessa perspectiva, chama a atenção o fato de que no curso de farmácia, 90% dos pesquisados não consideram esta como uma forma de violência. Quando analisada sob o aspecto da natureza da violência, tal situação configura-se como violência por “negligência, abandono e privação de cuidados”. No caso de estudantes de Farmácia, essa tipologia, acima mencionada, está diretamente relacionada ao campo de atuação desses futuros profissionais.

A partir das alternativas não assinaladas pelos pesquisados como uma forma de violência nas questões qualitativas do questionário, podemos analisar que estas, são situações já naturalizadas no convívio social dos acadêmicos e são consideradas por eles situações normais ou, como alguns escreveram ao lado das questões, apenas uma ação desrespeitosa. Vale ressaltar que os acidentes e violências físicas configuram um conjunto de eventos e lesões que podem ou não levar a óbito e são reconhecidos na Classificação Internacional das Doenças (CID) como “causas externas” e isso inclui os homicídios, os suicídios e os acidentes (de todas as espécies). Entre os que mais vitimam a população são os de transporte e de trânsito. Outras situações que ainda resultam em traumas e que provocam enfermidades ou incapacidades a Organização Mundial da Saúde inclui as lesões físicas e psíquicas, os envenenamentos, os ferimentos, as fraturas, as queimaduras e as intoxicações. (MINAYO, 2007, p.26-27). Podemos citar ainda o fato da questão “Dirigir

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

automóveis, caminhões ou outro veículo em alta velocidade”, onde 126 pesquisados demonstraram estar naturalizados com esta situação e não a consideram uma forma de violência, caracterizando 62,38% do corpus de análise.

Deduz-se assim que determinadas tipologias de violência como, por exemplo, dirigir em alta velocidade ou após consumir álcool ou drogas; vender substâncias ilícitas em troca de algum tipo de pagamento, elaborar normas, trâmites ou regras burocráticas que dificultem o acesso dos cidadãos aos serviços de educação e saúde (violência institucional) estão tão naturalizadas ao ponto de que muitos pesquisados não as concebem como uma forma de violência. A “naturalização” se dá “quando as pessoas ao cometê-las julgam estar fazendo algo normal” (MINAYO, 2007, p.23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo busca compreender como a violência está representada e, em algumas situações, naturalizada nos discursos de estudantes universitários. Os discursos, entendidos como modos de representar aspectos do mundo (exterior e interior) emergem nas ações sociocomunicativas mediadas e/ou realizadas pela linguagem. Analisar as representações de violência e, principalmente, desnaturalizá-las é um primeiro, e importante passo, para o planejamento de ações voltadas à promoção da não violência e de uma cultura de paz. Cultura de paz aqui entendida como uma construção social e pessoal que pressupõe o reconhecimento da humanidade e da cidadania do outro e de que a solução para os conflitos passa pela negociação e pelo diálogo.

Palavras-chave:

Discurso; Representação; Violência; Linguagem.

Keywords:

Discourse; Representation; Violence; Language.

REFERÊNCIAS

CRESWELL, J.W..Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FAIRCLOUG, N. Analysing discourse: textual analysis for social research. New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [2001] 2008.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. (Orgs.). Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.

HALLIDAY, M. A. K. An introduction to functional grammar. 2nd. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. An introduction to functional grammar. 3ª ed. London: Edward Arnold, 2004.

KRUG, E. G. et al. (Org.). Relatório mundial sobre violência e saúde. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. Delta, São Paulo, v. 21, p. 1-9, 2005. Disponível em: . Acesso em: 20 abr. 2012. Número especial.

MASTELLA,V. De anônimos a heróis: discursos sobre o câncer de 1973 à 2013 no gênero

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

reportagem de popularização da ciência na revista Veja. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2015

MINAYO, M.C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: SOUSA E. R. (org), Curso impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro: EAD/ENSP; 2007. p. 21-35.

SCHMIDT, H. L.; MASTELLA, V.; NEUBAUER, V. S.. Representações da violência nos discursos de estudantes da Universidade de Cruz Alta: um olhar pela perspectiva da Análise Crítica do Discurso. Anais do XVIII Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sul. Caxias do Sul, 2017.